

A construção modal facultativa [ter_como]

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i3.2359>

Cibele Naidhig de Souza¹

Resumo

Comprometido com uma perspectiva construcional, o objetivo deste artigo é examinar o esquema [ter_como] como forma de expressão da modalidade na língua portuguesa, descrevendo-se suas regularidades de uso, como uma construção. A pesquisa serve-se de textos do português brasileiro contemporâneo, de fala e de escrita, retirados do *Corpus do Português* (disponível em corpusdoportugues.org.br). Utiliza-se a classificação das modalidades de Hengeveld (2004), em que dois parâmetros se cruzam, o alvo (*orientado para o participante, orientado para o evento e orientado para a proposição*) e o domínio (*facultativo, deôntico, volitivo, epistêmico e evidencial*). A análise das ocorrências, apoiada em pressupostos teóricos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), revela que a fórmula [ter_como] é padrão fixo de expressão de modalidade facultativa, configurando-se como um esquema construcional, fórmula rotineira, convencionalizada, na língua portuguesa do Brasil.

Palavras-chave: modalidade; *ter como*; abordagem construcional.

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil; cibele.naidhig@ufersa.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-2363-3551>

The modal facultative construction [ter_como]

Abstract

Grounded on a Constructional Grammar Approach, this article aims at examining the [ter_como] scheme as a form of expressing modality in the Portuguese language, describing its regularities of use. This piece of research makes use of contemporary Brazilian Portuguese, in oral and written forms, extracted from "Corpus do Português" (available at corpusdoportugues.org.br). The classification of the modalities follows Hengeveld (2004), in which two parameters are combined, the target (participant-oriented, event-oriented and proposition-oriented) and the domain (facultative, deontic, volitional, epistemic and evidential). Based on the theoretical assumptions of the Construction Grammar Approach (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), data analysis reveals that the combination [ter_como] is a fixed pattern of expression of facultative modality, configured as a conventionalized constructional sequence in Brazilian Portuguese.

Keywords: modality; *ter como*; constructional approach

Introdução

O fenômeno de que se ocupa este estudo é a expressão da modalidade pela fórmula [ter_como] na língua portuguesa do Brasil. Nota-se que o esquema é bastante usual no português contemporâneo, encontrado em variados contextos, como ilustram as ocorrências (1)-(3), localizadas em *blogs*, conversações espontâneas, músicas populares².

- (1) Não **tem como** escapar, as mentiras vão sempre estar presentes no cotidiano do ser humano. E se muitas vezes são mentiras inocentes, sem maiores consequências, em outras situações elas assumem dimensões gravíssimas e podem levar a um desfecho trágico. (disponível em: <http://www.artepaubrasil.com.br/products.php?product=MENTIRAS-QUE-OS-HOMENS-CONTAM%2CAS>)
- (2) [...] e eu - não só recorreria como recorri muitas vezes a hospitais - qualquer sintoma que o cachorro tivesse - era com médicos e hospitais - e o mais especializado - e tudo de melhor porque - eu - acho que - é um animal não pode uhn - ele não **tem como** se comunicar - a não ser pelos latidos ou miados seja lá que animal for - eu acho que a gente deve - procurar uma pessoa especializada pra cuidar do - do bicho né? (...) (19Or:Br:LF:SP)

2 As ocorrências (1) e (2) foram localizadas no *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org) e a ocorrência (3), diretamente da internet, conforme indicação entre parênteses.

(3) *Será que **tem como***

*Será que **tem como***

Você voltar com aquelas brigas de novo

Com os defeitos e o ciúme bobo

Com a mania de me deixar mal

*Será que **tem como***

Você me devolver pra sua vida (...)

(disponível em: <https://bit.ly/2WpPyES>)

A expressão [ter_como], em (1)-(3), permite interpretações modais (PALMER, 1986; BYBEE *et al.*, 1994; AUWERA; PLUNGIAN, 1998; HENGEVELD, 2004; entre outros), a saber: facultativas/dinâmicas – referentes a condições circunstanciais que “habilitam”, que tornam possível a ocorrência de um evento, ou referentes a habilidade/capacidade de um participante. Observe-se que os enunciados apresentados permitem paráfrases com a expressão modal *é possível/ou com o verbo modal poder*:

(1a) *Não é possível/**se pode** escapar, as mentiras vão sempre estar presentes no cotidiano do ser humano.*

(2a) *Ele não **pode/não tem** capacidade para se comunicar.*

(3a) *Será que você **pode/ é possível** você voltar com aquelas brigas de novo, com os defeitos e o ciúme bobo [...]*

O verbo *ter*, na expressão *ter que/de*, é amplamente reconhecido como marca de modalidade (MESQUITA, 1999; NEVES, 2000; BARROS; PAIVA, 2014; entre muitos outros). Para a combinação *ter como*, por outro lado, não há (salvo engano) estudos que explorem seu valor modal, no português, razão que motiva este trabalho a oferecer sua descrição interpretativa.

A hipótese que motiva o trabalho é a de que [ter_como] é uma construção modal do português, um esquema simbólico forma/significado. O objetivo do artigo é, portanto, oferecer evidências empíricas, em favor da postulação da construção modal [ter_como], no português brasileiro, examinar seu valor modal e sua relação em uma rede construcional. Para tanto, a análise apoia-se em pressupostos teóricos da Gramática de Construções desenvolvidos por Goldberg (1995), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010) e na proposta de Hengeveld (2004) para a compreensão da modalidade.

Para cumprir o objetivo, este artigo organiza-se em três seções, além desta introdução e das considerações finais que encerram o texto. As duas próximas seções, *Abordagem*

construcional e Modalidades, são dedicadas à discussão do aparato teórico que subsidia as análises. Na sequência, está a seção sobre os procedimentos metodológicos da investigação. Após a apresentação do aparato teórico e da metodologia da pesquisa, estão as análises da expressão [ter_como], em que se defende esse esquema construcional como forma convencionalizada, fixa, de expressão da modalidade facultativa, no português do Brasil.

Abordagem construcional

A Gramática de Construções é uma abordagem linguística que considera as línguas humanas como conjuntos de construções, o que significa dizer que o conhecimento linguístico dos falantes é organizado em padrões convencionalizados, rotinizados, pareamentos de forma e de significado, ligados por relações de herança, que se tornam, em perspectiva diacrônica, cada vez mais abstratos e esquemáticos.

Ponto fundamental para todas as perspectivas construcionistas é a concepção de construção, entendida como conjunto estruturado, hierarquizado e interconectado de construções de uma língua, esquema simbólico a partir do qual são instanciados todos os componentes da gramática. Definição já bastante conhecida é a de Goldberg (1995, p. 4, tradução nossa³): “C é uma construção se C é um par forma-significado <Fi Si> de tal modo que algum aspecto de Fi, ou algum aspecto de Si não é estritamente previsível das partes componentes de C’s ou de outras construções previamente estabelecidas”.

Nessa perspectiva, como fica evidente pela definição de construção, o foco na descrição gramatical não está em itens específicos, mas na realização de esquemas, na relação entre os elementos desse esquema e seu grau de vinculação.

Uma visão esquemática da integração entre componentes da forma e do significado é sugerida por Croft:

3 No original: “C is a CONSTRUCTION iff_{def}C is a form-meaning pair <F_i, S_i> such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions”.

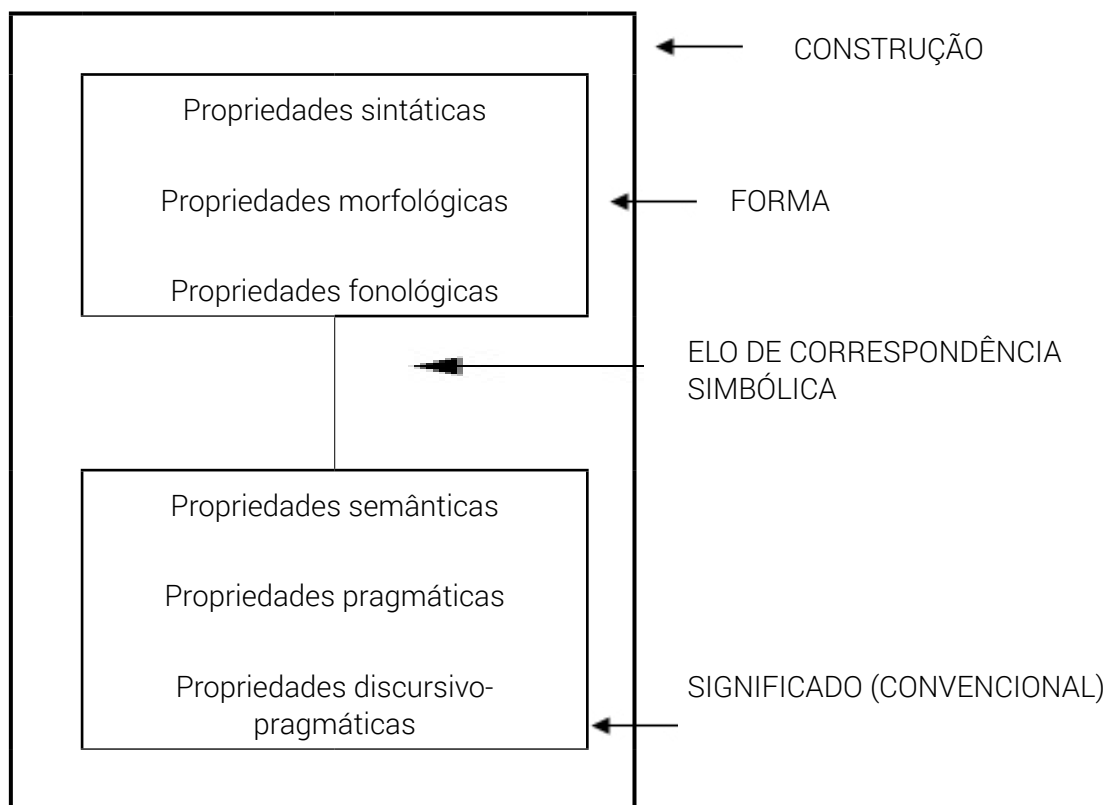


Figura 1. Estrutura simbólica de construção

Fonte: Croft (2001, p. 18)

Essa esquematização permite observar quais são os elementos constituintes da forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e do sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-pragmáticas), ligados simbolicamente, e que compõem a construção, unidade convencionalizada.

Bybee (2010) defende que a convencionalização e a rotinização das construções ocorre pela repetição da sequência. Nessa perspectiva cognitivista, construções são:

[...] *chunks* sequenciais da língua, que são frequentemente usados juntos, e que algumas vezes apresentam significados especiais ou outras propriedades. Sua convencionalização ocorre através da repetição (HAIMAN, 1994). As construções são tipicamente esquemáticas; elas vêm com algumas partes fixas e alguns *slots* que podem ser preenchidos com uma categoria de itens definidos semanticamente. (BYBEE, 2010, p. 36, tradução nossa)⁴.

⁴ No original: “[...] constructions are sequential chunks of language that are conventionally used

A descrição interpretativa das construções deve contemplar alguns fatores. Traugott e Trousdale (2013, p.13), a fim de sumarizar as dimensões passíveis de abordagem para as construções, indicam três dimensões, duas formais (tamanho: atômica; complexa; intermediária) e especificidade fonológica (substantiva; esquemática; intermediária) e uma semântica (referencial/lexical; gramatical; intermediária). Esses parâmetros devem ser considerados na análise interpretativa das construções e sua correlação revela a vinculação entre forma e função.

Considerem-se, ainda, três fatores frequentemente discutidos como pertinentes na caracterização das construções (entre outros: BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013): *esquematicidade, produtividade e composicionalidade*.

A *esquematicidade* diz respeito a propriedades de categorização que formam os esquemas da língua, entendidos como padrões de experiência rotinizados, inconscientemente percebidos pelos usuários da língua. Relaciona-se a diferentes graus de generalidade e de hierarquia.

Traugott (2008, p. 236) distingue os seguintes níveis de esquematicidade para as construções: macroconstruções – esquemas mais genéricos da rede de construções; mesoconstruções – conjuntos de construções específicas com comportamento similar; microconstruções – tipos de construções individuais; construtos – ocorrências empiricamente atestadas.

De modo semelhante, Traugott e Trousdale (2013) indicam as seguintes dimensões, hierarquicamente organizadas: esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos (aquilo que os falantes produzem e os ouvintes processam). A figura seguinte, de Traugott e Trousdale (2013, p.17), ilustra as relações hierárquicas entre os diferentes níveis, em relação aos quantificadores na língua inglesa.

together and that sometimes have special meanings or other properties. Their conventionalization comes about through repetition (HAIMAN 1994). Constructions are typically partially schematic; they come with some fixed parts and some slots that can be filled with a category of semantically defined items.”.

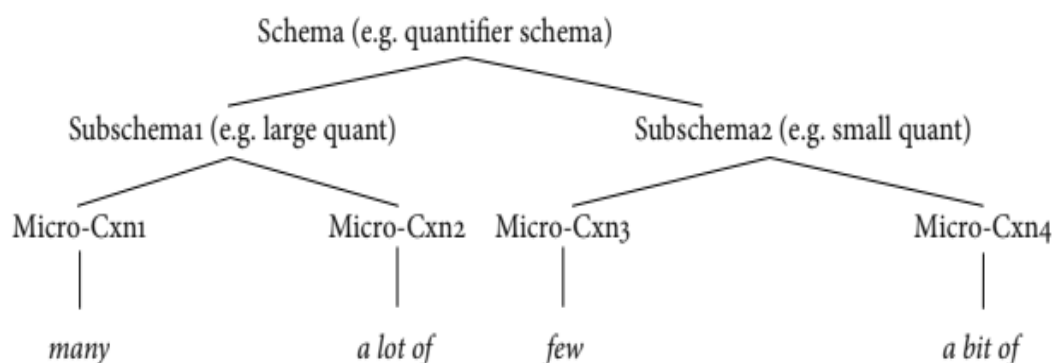


Figura 2. Hierarquia construcional

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

A *produtividade* relaciona-se à habilidade de uma construção para atrair construções menos esquemáticas. Traugott e Trousdale (2013, p.17) indicam que a produtividade diz respeito a sua extensibilidade e envolve o grau em que os esquemas sancionam/abrigam outras construções menos esquemáticas e o grau em que tais esquemas são restringidos.

A *composicionalidade* refere-se ao grau de transparência entre forma e significado e pode ser compreendida tanto no nível semântico quanto no nível sintático. Semânticamente, uma construção é mais composicional quando o significado dos elementos componentes da construção ainda pode ser recuperado pelo significado do todo. Bybee (2010) (com base em Langacker (1987) e Croft e Cruse (2004)) pontua a distinção entre a composicionalidade semântica e a analisabilidade de uma construção. A primeira propriedade refere-se ao grau de previsibilidade do significado do todo das partes componentes, e a última diz respeito ao reconhecimento da contribuição que cada parte faz para a composição conceitual.

Em termos sintáticos, a composicionalidade relaciona-se à integração morfossintática das subpartes, sendo a construção mais composicional, se os elementos da construção ainda retêm propriedades gramaticais da categoria fonte.

Essa breve apresentação de pressupostos da abordagem construcional da gramática busca oferecer uma visão ampla, com destaque para aspectos mais relevantes para a análise que se pretende.

Modalidades

É sabido que os estudos sobre a modalidade não exibem consensos⁵. Embora se reconheça a problemática, não está no escopo deste artigo discuti-la. O posicionamento teórico assumido em relação às modalidades, neste estudo, é o de Hengeveld (2004)⁶, que reconhece a modalidade como uma categoria que diz respeito à modificação do conteúdo dos atos de fala (*op. cit.*, p.1190) e propõe uma classificação que parte do cruzamento de dois parâmetros: o alvo e o domínio da avaliação modal.

Em relação ao alvo, as modalidades podem ser orientadas para o participante, para o evento ou para a proposição. O primeiro caso, a modalidade orientada para o participante, afeta parte relacional da sentença como expressa por um predicado e se refere à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a potencial realização desse evento. Orientada para o evento, a modalidade afeta a descrição do evento contido na sentença, ou seja, a parte descritiva de uma sentença, e se refere à avaliação objetiva do estatuto de atualidade do evento. Esse tipo de modalidade apresenta a existência de possibilidades, obrigações gerais, etc., sem que o falante tome responsabilidade por esses julgamentos. Orientada para proposição, a modalidade envolve o conteúdo proposicional de uma sentença, a parte da sentença que representa as visões e as crenças do falante e diz respeito ao grau de comprometimento do falante em relação à proposição que ele está apresentando.

Relacionam-se com essas orientações de modalidade os domínios da avaliação modal: a *facultativa* (referente à capacidade intrínseca ou adquirida); a *deôntica* (referente àquilo que é permissível – legalmente, socialmente, moralmente); a *volitiva* (referente àquilo que é desejável); a *epistêmica* (referente àquilo que se conhece sobre o mundo atual); e a *evidencial* (referente à origem da informação contida sobre o mundo atual).

As combinações possíveis, entre alvo e domínio da avaliação modal são apresentadas no quadro seguinte, traduzido de Hengeveld.

5 A esse respeito, considerem-se textos como “On defining modality” de Kiefer (1987) e “On defining modality again” de Narrog (2005), que bem discutem a problemática.

6 Neste trabalho, utiliza-se a abordagem de Hengeveld (2004), sem considerar sua descrição na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), em que as modalidades são associadas a camadas e níveis do modelo.

Quadro 1. Classificação das modalidades

Domínio \ Alvo	Participante	Evento	Proposição
<i>Facultativa</i>	+	+	-
<i>Deôntica</i>	+	+	-
<i>Volitiva</i>	+	+	-
<i>Epistêmica</i>	-	+	+
<i>Evidencial</i>	-	-	+

Fonte: Hengeveld (2004, p. 1193)

Desse cruzamento, as modalidades *facultativa orientada para o participante* e *facultativa orientada para o evento* são as relevantes para este estudo. Para melhor compreensão da análise proposta, na discussão de resultados, apresentam-se explicações adicionais sobre esses valores modais.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa serve-se de textos do português contemporâneo retirados do *Corpus do Português* (disponível em www.corpusdoportugues.org). Utilizam-se dois bancos de dados, o mais antigo, *gênero/histórico*, de 2006, e o mais recente, *web/dialetos*, de 2016.

O primeiro, *gênero/histórico*, comporta cerca de 45 milhões de palavras de textos produzidos entre os séculos XIII a XX. Os dados do século XX correspondem a 20 milhões de palavras divididas igualmente entre as categorias *conversaço*, *ficção*, *jornalística* e *acadêmica*. Por meio da ferramenta de busca *[ter] como*, que localiza todas as ocorrências do verbo *ter*, em qualquer flexão, seguido de *como*, selecionaram-se todas as 139 ocorrências modais do português do Brasil do século XX.

A partir da análise desses enunciados, pretendeu-se buscar comprovação no segundo conjunto de textos do *Corpus do Português*, *web/dialetos*, que é mais amplo e mais recente: contém cerca de *1 bilhão de palavras* retiradas de páginas da *web*, entre 2013 e 2014, e provenientes de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Desse conjunto, utilizando-se a mesma ferramenta de busca (*[ter]como*), selecionaram-se, aleatoriamente, 250 ocorrências do português brasileiro, número que pareceu suficiente para comprovar os padrões localizados anteriormente.

Com o objetivo de realizar uma descrição interpretativa do esquema construcional [*ter_ como*], algumas variáveis foram controladas. Desses parâmetros, muitos não revelaram dados relevantes para os objetivos deste artigo e, por isso, apenas alguns deles serão mencionados no exame: o valor modal, a (não) realização de sujeito, a natureza semântica do SN sujeito, a flexão modo-temporal e número-pessoal do verbo *ter*, presença de negação. Para controle quantitativo dos dados, o programa *GoldvarX* foi utilizado.

Construção modal facultativa [*ter_ como*]

A análise das 389 ocorrências (sendo 139 do banco de dados *gênero/histórico* e 250 do banco de dados *web/dialetos* do *Corpus do Português*) revela o esquema mais geral, que pode ser formulado da seguinte forma:

[(sujeito)(não) *ter_ como* [oração não finita]]_{MODAL FACULTATIVO}

O esquema representa o recrutamento não obrigatório de um elemento nominal/pronominal com a função sintática de sujeito na primeira posição, e oração não finita, na última posição, que é, afinal, o escopo sobre o qual recai a modalidade facultativa que *ter como* imprime. A forma negativa também não é obrigatória, mas ocorre na grande maioria dos enunciados (83% dos casos, 321/389).

As ocorrências possuem valor facultativo, com orientação para o evento e para o participante, como revela o quadro:

Quadro 2. Distribuição de [*ter_ como*] em relação à interpretação modal

Facultativa orientada para o participante	38 (10%)
Facultativa orientada para o evento	242 (62%)
Mais de uma interpretação é possível	109 (28%)
Total	389 (100%)

Fonte: Elaboração própria

Note-se que a maior parte das ocorrências é facultativa orientada para o evento (62%) e 28% dos casos examinados são fronteirios, na grande maioria dos casos, entre a facultativa orientada para o evento e para o participante, como será discutido adiante.

A modalidade facultativa orientada para o participante (FOP, doravante), a menos frequente (10%), envolve a expressão de habilidade/capacidade de um participante, descreve a habilidade desse participante para se envolver no tipo de evento descrito pelo predicado, podendo ser habilidade intrínseca ou adquirida (saber como fazer alguma coisa) (HENGEVELD, 2004, p. 1194). As ocorrências (4) e (5) são exemplos.

- (4) *No projeto que será encaminhado ao Congresso, o governo também vai corrigir uma imprecisão sobre o conceito de violência sexual. [...] Do jeito que está na lei sancionada hoje, o texto poderia excluir do conceito crianças e pessoas com deficiência mental, que não **têm como** dar ou não consentimento para atividade sexual.* (<http://leiturasmarona.blogspot.com/2013/08/dilma-sanciona-sem-vetos-lei-que.html>)
- (5) *Para encontrar na Bíblia a orientação necessária para a sua família, o pai deve cultivar o hábito de leitura e meditação diárias na Palavra de Deus. Só assim ele **terá como** conduzir a sua família em segurança.* (<http://www.apazdosenhlor.org.br/profhenrique/bibliaconstituicaodivina.htm>)

Em (4), registra-se a incapacidade de determinadas pessoas para consentir com atividade sexual. Tal incapacidade advém de uma condição intrínseca a essas pessoas. Em (5), a habilidade de *conduzir a família em segurança* é adquirida, envolve um saber. Note-se que esses padrões esquemáticos com a modalidade FOP requerem participante preferencialmente humano (*pessoas com deficiência mental*, em (4); e *o pai*, em (5)). Casos de FOP em que esse sujeito é não humano são bastante raros no *corpus*, tendo sido localizadas apenas duas ocorrências (sendo uma delas (2), já apresentada, cujo sujeito é *um animal*).

A modalidade facultativa orientada para o evento (FOE, doravante) caracteriza-se em termos de condições circunstanciais ou físicas que permitem a ocorrência do evento descrito na sentença. Diferentemente da modalidade FOP, não se refere à capacidade intrínseca ou adquirida de um participante, ou seja, a possibilidade de ocorrência de um evento não depende das aptidões de um participante, mas se liga às circunstâncias em que o evento ocorre. Esse tipo de modalidade foi descrito por Coates (1983 apud HENGEVELD, 2004) e Bybee *et al.* (1994) como *possibilidade de raiz*. As ocorrências (6) e (7) exemplificam.

- (6) *Oi Edu qero ki vc qero ki vc comenti sobre a receita do bolo de chocolate de ontem pq eu estava na rua e não **tive como** anota.* Flavia 23/08/12 a as 1:46am. (<http://007blog.net/receitas-edu-guedes-do-hoje-em-dia-na-internet/>)
- (7) *A educação pública é muito ruim. Os professores não têm nenhum incentivo para levar temas culturais para a escola. Eles trabalham infelizes, são mal pagos, trabalham em diversas escolas e nem **tem como** preparar uma aula.* (<http://www.blogacesso.com.br/?p=20>)

Nas duas ocorrências, há a expressão da modalidade FOE, em que a possibilidade de realização dos eventos (*anotar a receita*, em (6), e *preparar uma aula*, em (7)) não está relacionada a capacidades, habilidades dos participantes, mas a condições circunstanciais em que os eventos ocorrem. Em (6), a enunciadora, Flávia, estava na rua, situação em que não foi possível a ela anotar a receita e, em (7), as condições em que os professores trabalham não possibilitam que eles preparem aulas.

O que é bastante significativo para a compreensão dessa construção é que o sujeito, no caso do valor FOE, na maioria dos casos (54%), refere-se a um grupo, a um país, a um município, a um conceito abstrato, ou são pronomes com referência indeterminada (*ninguém*, *a gente/você* com referência indeterminada). São exemplos (8)-(13).

- (8) *Porque os estudos com ele conduzidos no início da epidemia não **tinham como** ser conclusivos. (<http://jovensoropositivo.com/2013/02/15/conversas-com-dr-e/>)*
- (9) *Esse é o consenso da sociedade hoje. Precisamos de muitas prisões, penas mais duras para os criminosos. Em algum momento essa política de encarceramento em massa vai ruir, não **tem como** se sustentar. (<http://nucleopiratininga.org.br/classe-media-se-deparou-nas-ruas-com-a-atuaca-o-policia-dirigida-aos-pobres-e-moradores-da-periferia/>)*
- (10) *Acreditam e fazem a diferença quando atuam junto às crianças, junto aos colegas de trabalho, na escola, na família e no mundo. Nosso desafio, aqui no IAE é fazer com que todos percebam isto, e tenham a coragem de relatar suas práticas, que são o meio pelo qual ninguém **terá como** negar o valor do professor, da arte e da educação. (<http://artenaescola.org.br/forum/topico/?id=69931>)*
- (11) *A grande diferença em usar o Auto Filtro e o Filtro Avançado está em que no Auto Filtro você tem uma limitação aos critérios de filtro escolhido e no Filtro Avançado não possui limitação, ou seja, utilizando o Filtro Avançado você **terá como** definir quaisquer e quantos critérios desejar (<http://www.cavalcanteassociados.com.br/article.php?id=231>)*
- (12) *Quase toda a indústria de eletro-eletrônicos depende de insumos importados. O Brasil simplesmente não **tem como** produzi-los. (<http://alexeiweb.org/?cat=7>)*
- (13) *São municípios que **não têm como** sobreviver, a não ser com transferências obrigatórias. (<http://gospelhoje.com.br/camara-deve-votar-projeto-pode-gerar-400-novos-municipios/>)*

Essa configuração dos participantes é o que encaminha para a leitura FOE, que envolve a avaliação objetiva de eventos quanto à possibilidade de sua realização, e não as aptidões de um participante em particular.

Muitas das ocorrências com sujeito morfossintático permitem mais de uma leitura, FOP e FOE (como (14)), FOE e interpretação deôntica (como (15)). Esses casos que permitem mais de uma leitura correspondem a 28% do total examinado (108/389), como mostrou o quadro 2, no início desta seção.

- (14) *Vale a pena o suicídio? Ninguém morre e volta pra dizer se vale ou não a pena, o que podemos imaginar é que o suicídio pra muita gente é como se fosse uma saída para aquilo que ela acha que não **tem como** resolver. Uma fuga para ficar em paz e não ter que vivenciar sua realidade. (<http://jualfiquepordentrodetudo.blogspot.com/2013/05/por-que-as-pessoas-se-suicidam.html>)*
- (15) *O teste será somente no mês de outubro e será somente para atletas que não realizaram testes esse ano. Atletas que já realizaram avaliação em 2013 não **terão como** participar dessa avaliação. O número de inscrições é limitado e as vagas não são garantidas. (<http://futebol-futebol.webnode.com.br/news/avalia%C3%A7%C3%A3o-internacional-rs/>)*

Entende-se que a ocorrência (14) permite as interpretações FOP e FOE: a falta de condições para resolver a questão depende de condições circunstanciais (FOE) ou de capacidade intrínseca da pessoa que comete suicídio (FOP). A ocorrência (15) possibilita a interpretação FOE (não é possível esses atletas participarem dessa avaliação, não existem condições favorecedoras para esse evento) e, ainda, a interpretação deôntica orientada para participante (não é permitido aos atletas a participação, existe uma fonte deôntica, um conjunto de normas, que não permite). Considere-se que apenas duas ocorrências do *corpus* possibilitaram leitura deôntica, sendo (15) uma delas. Por isso, entende-se que a construção [ter_como] é prototípica da expressão de modalidade facultativa.

No *corpus* examinado, todas as ocorrências em que a forma *ter* é impessoal possuem valor modal FOE. Esses esquemas correspondem a 37% do total de enunciados com interpretação FOE (89/242). Ilustram (16)-(18).

- (16) **Tem como engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?**
Sim, como qualquer método não é 100% confiável. [...]. (<https://www.trocandofraldas.com.br/pilula-dia-seguinte-tomar-nao-tomar-eis-questao/>)
- (17) *Jéssica, escolha bem a altura de tom e nuance, porque depois de tingidos não **tem como** clarear mais os cabelos (com tinta), se seus cabelos são naturais e a coloração escolhida for clara recomendo duas preparações...* (<http://www.cabelosecortes.com/cabelos-cores/a-cor-certa-para-os-seus-cabelos/>)
- (18) *Sem falar nas brigas que eu quase nunca havia neste tipo de festa. Isso é só em Porto Alegre ou no resto do País tem acontecido também? Tens alguma dica de solução para este problema? Se houvesse menos interesse financeiro e mais interesse na cultura, funcionaria? Ou não **tem como** controlar isso?* (190r:Br:Intrv:Web)

Esses enunciados são compreendidos como indicação da (in)existência de condições circunstanciais que favorecem a ocorrência do estado de coisas (*engravidar tomando pílula do Dia Seguinte*; *clarear mais os cabelos*; *controlar isso*) e parafraseáveis pela expressão impessoal "é possível".

A análise revela, portanto, que o esquema mais geral da construção aqui denominada [ter_como] abriga outros subesquemas, ligados ao valor facultativo, orientado para o participante ou para o evento. Com base em Traugott e Trousdale (2013), propõe-se a seguinte hierarquia construcional:

Quadro 3. Hierarquia construcional para [ter_como]

Nível	Tipo	
ESQUEMA	[(sujeito) (não) ter_como [oração não finita]] _{ModalFacultativo}	
SUBESQUEMAS	[[sujeito] (não) ter_como [oração não finita]] _{FOE/FOP}	[(não) ter _{IMPESSOAL} como [oração não finita]] _{FOE}
CONSTRUTOS	<p><i>A pessoa com deficiência não tem como dar consentimento.</i></p> <p><i>O policial tinha como se proteger atrás do outro carro e não se expor tanto.</i></p> <p><i>Os estudos não tinham como ser conclusivos.</i></p>	<p><i>Jéssica, escolha bem a altura de tom e nuance, porque depois de tingidos não tem como clarear mais os cabelos.</i></p> <p><i>Tem como engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?</i></p>

Fonte: Elaboração própria a partir de Traugott e Trousdale (2013)

É preciso, ainda, caracterizar a construção [ter_como] em relação ao grau de fixação da forma e sua constituição interna, sua composicionalidade, que pode ser examinada em termos semânticos e sintáticos, e relacionada à analisabilidade.

Em termos semânticos, considera-se que uma construção é menos composicional quanto mais se torna opaca a relação entre forma e significado, quanto menos o significado dos termos pode ser recuperado pelo significado do todo (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Entende-se, neste estudo, que o valor de possibilidade, de capacidade (FOE, FOP) que se identifica nessas construções é resultante da combinação dos elementos constituintes, mas, em certo grau, é possível identificar a contribuição de cada um dos elementos para sentido modal, especialmente nos casos em que há sujeito gramatical.

Reconsiderem-se (19)-(21), repetidas por conveniência, com a indicação de alguns descritores para o sentido.

(19) Conseguem/ podem/ estão capacitadas a

*Do jeito que está na lei sancionada hoje, o texto poderia excluir do conceito de crianças e pessoas com deficiência mental, que não **têm como** dar ou não consentimento para atividade sexual.*

(20) É **possível/ pode**

*Em algum momento essa política de encarceramento em massa vai ruir, não **tem como** se sustentar.*

(21) É possível/pode/existe possibilidade de/existe forma de

Tem como engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?

Para ocorrências como (19), seria aceitável compreender que o verbo *ter* permitiria alguma interpretação em termos de “ser portador de”, mas para (20) e (21), o mesmo não é válido. Compreender o verbo *ter* em um sentido existencial, “existir, haver” seria possível para ocorrência (21), mas não para (20), e menos ainda para (19).

A contribuição do elemento adverbial “como”, nessas construções, pode ser mais evidente, se se considerar uma paráfrase em termos de “o modo pelo qual”. Porém, observe-se que, de um teste em que se propõem formas alternativas para *como*, resultam sentenças descritivas, não modais:

(19a) *crianças e pessoas com deficiência mental, que não têm **meios/formas/jeito de** dar ou não consentimento para atividade sexual.*

(20a) *Em algum momento essa política de encarceramento em massa vai ruir, não **tem meios/formas/jeito de** se sustentar*

(21a) *Tem **meios/formas/jeito de** engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?*

Embora seja possível, em alguns casos, a recuperação da semântica dos componentes individuais da construção (sua analisabilidade), o sentido resultante, modal, não é fruto da soma das partes, mas da combinação dos itens na sequência convencionalizada [ter_ como].

Note-se, ainda, que a inserção de material interveniente entre os itens que compõem a construção é possível, como mostram (19b)-(21b), o que revela que as fronteiras entre os itens estão preservadas.

- (19b) *que não têm **nem como** dar ou não consentimento para atividade sexual.*
*que não têm **mesmo como** dar ou não consentimento para atividade sexual.*
*que não têm **com certeza como** dar ou não consentimento para atividade sexual.*
- (20b) *[...] essa política de encarceramento em massa vai ruir, não tem **mesmo como** se sustentar*
*[...] essa política de encarceramento em massa vai ruir, não tem **de jeito nenhum como** se sustentar*
*[...] essa política de encarceramento em massa vai ruir, não tem **nem como** se sustentar*
- (21b) *Tem **até como** engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?*
*Tem **mesmo como** engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?*
*Tem **não como** engravidar tomando pílula do Dia Seguinte?*

Se, por um lado, as fronteiras entre os elementos da construção revelam-se preservadas, por outro lado, o exame revela tendência à perda de propriedades flexionais da forma verbal, o que, em termos construcionais, é compreendida como perda de composicionalidade. Em 59% das ocorrências (216/389), a forma verbal *ter* está na terceira pessoa do singular e em 51% dos casos (199/389), está no presente do indicativo.

Essas considerações apontam para mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) ainda em andamento, em que as formas impessoais, com valor modal FOE, parecem mais desenvolvidas, pois há perda de traços da estrutura argumental (sujeito) e de propriedades morfossintáticas da forma verbal. As estruturas com sujeito morfossintático representado por um grupo, um país, um nome abstrato (ocorrências (8)-(13)), parecem representar importante estágio da mudança em que o processo, ao deixar de ser centrado em um participante humano, passa a ser interpretado como situacional. O passo seguinte seria o apagamento desse argumento sujeito.

Essa análise encontra apoio, também, nos estudos sobre a mudança no campo da modalidade. Para Narrog (2012), o que realmente é importante para o desenvolvimento dos valores modais é a mudança hierárquica na constituição sentencial, de dentro para fora da sentença, de elementos nucleares da predicação para elementos modificadores da predicação principal. Além disso, é significativo que valores circunstanciais, aqueles que marcam um conteúdo como necessário ou possível em relação em determinado contexto, são indicados como a base para o desenvolvimento de valores modais em direção aos demais domínios modais (deôntico, epistêmico) (NARROG, 2012; BYBEE *et al.*, 1994; entre outros).

Entende-se, assim, que a construção facultativa [ter_como] entra como um novo nó na rede construcional dos elementos modais, na língua portuguesa, ligada ao esquema mais amplo [V_X]_{MODAL}, que abarcaria outras construções modais no português, conforme esquematizado na figura 3.

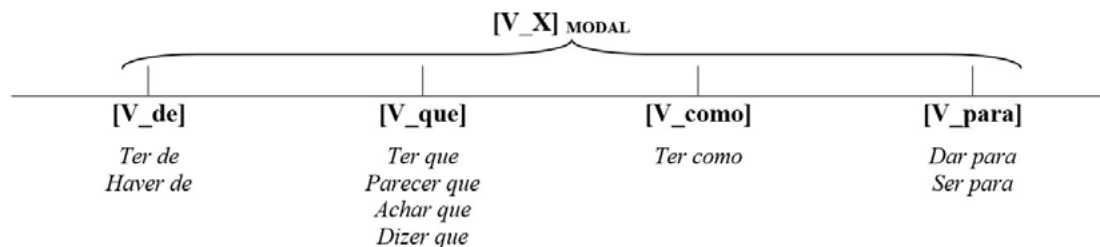


Figura 3. Rede construcional modal

Fonte: Elaboração própria

O esquema mais amplo comporta um verbo (V), que carrega as propriedades de tempo, modo, pessoa da predicação, seguido de um *slot* que pode ser preenchido por diferentes elementos (*de, que, como, para*).

Considerações finais

Neste estudo, buscou-se realizar uma análise interpretativa da construção [ter_como] na língua portuguesa do Brasil, que revele seu valor modal. Com base na perspectiva construcional, postulou-se a natureza convencional dessa construção, considerando-se as evidências de que são unidades consolidadas e rotineiras envolvendo sistema simbólico forma/significado.

O exame revelou [ter_como] é forma de expressão da modalidade *facultativa, orientada para o participante e orientada para o evento*, com poucas ocorrências permitindo uma interpretação deôntica (porém, não de modo fechado).

A análise das ocorrências aponta indícios de mudança construcional, em que se verifica perda de propriedades argumentais da estrutura, que deixa de recrutar sujeito morfossintático, tende a minimizar as flexões do verbo e a se fixar na expressão da modalidade FOE. Por fim, sugere-se que [ter_como] representa um novo nó da rede construcional da modalidade, na língua portuguesa.

Este estudo não teve a pretensão de ser exaustivo. Muitos pontos sobre a construção em exame merecem ser estudados e/ou aprofundados. Uma direção de pesquisa interessante e complementar às considerações apresentadas neste artigo envolve

investigação mais cuidada sobre os processos de mudança construcional, o estudo de processos motivadores da formação dessa construção, a exploração de relação sincrônica com outras construções modais e, ainda, uma investigação diacrônica. Esses encaminhamentos serão tema de outro artigo.

REFERÊNCIAS

AUWERA, J. V.; PLUNGIAN, V. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*, Mouton de Gruyter, v. 2, p. 79-124, 1998.

BARROS, E. C. M.; PAIVA, M. C. Construção ter que + infinitivo: modalidade e propriedades gramaticais do verbo ter. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 91-102, jan./abr. 2014.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

COATES, J. *The Semantics of the Modal Auxiliaries*. London: Croom Helm, 1983.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 15 jul. 2018.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood and Modality. In: BOOIJ, G., LEHMANN, C., MUGDAN, J. (ed.). *Morphology. A handbook on Inflection and Word Formation*, v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

KIEFER, F. On Defining Modality. *Folia lingüística*, v. 21, n. 1, p. 67-93, 1987.

NARROG, H. *Modality, subjectivity, and Semantic Change. A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford Press, 2012.

MESQUITA, E. M. C. *A modalidade deôntica: um estudo da língua escrita contemporânea do Brasil*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1999.

NARROG, H. On defining modality again. *Language Sciences*, v. 27, p. 165-192, 2005.

NEVES, M. H. M. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades. *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 115-145, 2000.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.